

**VIRGINIA  
WOOLF**  
**UM ROMANCE  
NÃO ESCRITO**  
**CONTOS COMPLETOS**

TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLÊS POR  
MARIA PONCE DE LEÃO





# ÍNDICE

## PRIMEIROS CONTOS

[Phyllis e Rosamond] . . . . .	13
O misterioso caso da Menina V. . . . .	30
[O diário da Senhora Joan Martyn]. . . . .	33
[Um diálogo no Monte Pentélico]. . . . .	73
Memórias de uma romancista . . . . .	81

## 1917-1921

A marca na parede . . . . .	97
Kew Gardens . . . . .	107
Noite de festa . . . . .	115
Objectos sólidos . . . . .	123
Simpatia . . . . .	130
Um romance não escrito . . . . .	136
Uma casa assombrada . . . . .	150
Uma sociedade . . . . .	153
Segunda ou terça-feira . . . . .	170
O quarteto de cordas . . . . .	172
Azul e verde . . . . .	178





1922-1925

Uma escola de mulheres vista de fora . . . . .	183
No pomar . . . . .	188
A Sr. <sup>a</sup> Dalloway em Bond Street . . . . .	192
A cortina da enfermeira Lugton . . . . .	202
A viúva e o papagaio: uma história verdadeira . . . . .	205
O vestido novo. . . . .	215
Felicidade. . . . .	226
Antepassados . . . . .	231
A apresentação . . . . .	235
Juntos e separados. . . . .	242
O homem que amava o próximo. . . . .	250
Uma melodia simples . . . . .	258
Um resumo . . . . .	267

1926-1941

Momentos de ser: «os alfinetes da Slater's não seguram» .	275
A senhora no espelho: uma reflexão . . . . .	284
O fascínio do lago . . . . .	291
Três quadros. . . . .	294
Cenas da vida de um oficial da Marinha Britânica . . . . .	299
A Menina Pryme . . . . .	302
Ode parcialmente escrita em prosa ao ver o nome de Cutbush sobre um talho em Pentonville . . . . .	305
[Retratos]. . . . .	311
Tio Vânia. . . . .	319
A duquesa e o joalheiro . . . . .	321
A caçada . . . . .	329
Lappin e Lapinova . . . . .	339
O holofote . . . . .	350
<i>Gipsy</i> , a cadela rafeira . . . . .	355
O legado . . . . .	366
O símbolo . . . . .	376
A estância balnear. . . . .	380

## A DUQUESA E O JOALHEIRO

Oliver Bacon morava no último andar de uma casa com vista para o Green Park. Era o seu apartamento; as cadeiras encontravam-se harmoniosamente dispostas pelos cantos da sala – cadeiras forradas de couro. Divãs preenchiam os vãos entre as janelas – divãs cobertos por tapeçarias. As janelas, três grandes janelas, estavam resguardadas por uma renda discreta e nas cortinas pelo indispensável bordado de cetim. O aparador de mogno salientava-se discretamente com uma selecção adequada de conhaques, uísques e licores. E, da janela central, ele observava lá em baixo os tejadilhos reluzentes dos carros elegantes amontoados nos acessos estreitos de Piccadilly. Não se podia imaginar uma localização mais central. Às oito da manhã, um criado trazia-lhe o pequeno-almoço numa bandeja; o criado estendia-lhe o roupão de seda carmim. Oliver abria a correspondência com as suas unhas compridas e pontiagudas, e extraía dos sobrescritos convites espessos, timbrados, com as armas de Duquesas, Condessas, Viscondessas e outras ilustres senhoras. Depois, começava a fazer a *toilette*; em seguida, comia a sua torrada; por fim, lia o jornal junto ao fogo chamejante de carvões eléctricos.

«Cá estás tu, Oliver», dizia para consigo. «Tu que começaste a vida numa ruela escura e sórdida, tu que...» e baixava os olhos para as pernas esbeltas, cingidas pelas calças de um corte



VIRGINIA WOOLF

irrepreensível; para as botas, e as polainas. Tudo muito bonito e elegante; cortado nas melhores peças de tecido pelas melhores tesouras de Savile Row. Frequentemente, porém, despojava-se e voltava a ser o miúdo da ruela escura de outrora. Certa vez, pensara que a sua maior ambição teria sido vender cães roubados às senhoras elegantes de Whitechapel. E uma vez, fizera-o. — Oh! Oliver — lamentara-se a mãe. — Oh! Oliver! Quando é que vais ganhar juízo, meu filho? —... Depois, tinha ido parar atrás de um balcão a vender relógios baratos; depois, levara uma vez uma encomenda preciosa a Amesterdão... Ante essa memória, ria-se baixinho — o velho Oliver a relembrar a sua juventude. Sim, saíra-se bem com os três diamantes; e tinha havido também a comissão pela esmeralda. Depois disso, trabalhara num gabinete privado nas traseiras de uma loja em Hatton Garden; uma sala com balanças, um cofre, as grossas lentes de aumentos. E depois... e depois... voltou a rir-se furtivamente. Quando, naquela tarde de calor, passou junto a um grupo de joalheiros que discutiam preços, minas de ouro, diamantes, notícias da África do Sul, um deles levou um dedo ao nariz e murmurou: «hummm...». Não foi mais do que um murmúrio; uma leve cotovelada, um dedo junto ao nariz, mas um zumbido percorreu o grupo de joalheiros em Hatton Garden — Oh! Há tantos anos! Mas ainda assim Oliver sentiu um arrepio na espinha, a cotovelada, o murmúrio que queria dizer: — Olhem só — ali vai ele — o jovem Oliver, o jovem joalheiro... — Naquele tempo, ele ainda era jovem. E ia-se vestindo cada vez melhor. Começou por ter uma bela carruagem; e depois um carro. No teatro, começou por se sentar nas galerias e, mais tarde, as primeiras filas, junto à orquestra. Comprou uma casa de campo em Richmond, com vista para o rio, rodeada por treliças de rosas-vermelhas; e pela manhã, *mademoiselle* colhia uma rosa e prendia-lha na sua lapela.

— É assim — disse Oliver Bacon, levantando-se e esticando as pernas. — É assim...

Deteve-se por baixo do retrato de uma senhora de idade, pendurado por cima da lareira, e ergueu as mãos. — Cumpri



a minha palavra — disse, unindo as palmas das mãos, como se lhe prestasse homenagem. — E ganhei a aposta. — Era verdade. Tornara-se o joalheiro mais rico de Inglaterra; mas o seu nariz, longo e flexível, como uma tromba de elefante, parecia dizer, num estranho frémito das narinas (dir-se-ia que todo o nariz tremia, e não apenas as narinas) que ainda não estava satisfeito; que farejava ainda mais alguma coisa por baixo da terra, um pouco mais além. Imagine-se um porco gigante num campo cheio de trufas; após desenterrar uma aqui, outra ali, o porco continua a farejar sob a terra, um pouco mais adiante em busca de uma trufa ainda maior e mais escura. Assim, era Oliver Bacon quem farejava sempre em busca de algo mais valioso, mais profundo, no solo fértil de Mayfair.

Endireitou o alfinete da gravata, vestiu o seu magnífico sobretudo azul; pegou nas luvas amarelas e na bengala; balançava-se ligeiramente no andar, e fungava levemente ao descer as escadas, soltando meio suspiro através do grande nariz pontiagudo, enquanto saía para Piccadilly. Na verdade, apesar de ter ganhado a aposta, não era, afinal, um homem triste, um homem insatisfeito, um homem que procura algo oculto?

Ele balançava-se ligeiramente ao andar, como um camelo do jardim zoológico se move de um lado para o outro ao avançar pelas ruazinhas de asfalto, superlotadas de merceeiros com as suas mulheres, que comem de sacos de papel e semeiam no chão pedacinhos de papel prateado amarfanhado. O camelo despreza os comerciantes; o camelo sente-se insatisfeito com a sua sorte; o camelo vê o lago azul rodeado de palmeiras diante dele. Assim também o grande joalheiro, o maior joalheiro do mundo, descia Piccadilly com largas passadas, impecavelmente vestido, com as suas luvas e a bengala; porém, mas ainda insatisfeito, até chegar à loja escura e pequena, que era célebre em França, na Alemanha, na Áustria e por toda a América — a lojinha sombria numa rua vizinha de Bond Street.

Como de costume atravessou a loja sem dizer uma palavra, muito embora os quatro homens, os dois mais velhos, Marshall e Spencer, e os dois jovens, Hammond e Wicks, já



VIRGINIA WOOLF

se encontrassem ali, numa postura rígida, por trás do balcão, e o olhassem com inveja ao passar. Oliver só acusou a sua presença com o simples movimento de um dedo da sua luva cor de âmbar. E entrou no seu gabinete privado, fechando a porta atrás de si.

Retirou, em seguida, a protecção metálica da janela deixando entrar os ruídos da Bond Street e o zumbido do trânsito distante. A luz dos reflectores ao fundo da loja subia até ao tecto. Uma árvore balouçava as suas seis folhas verdes, pois era Junho. Porém, *mademoiselle* tinha-se casado com o Sr. Pedder da cervejaria local – agora, já ninguém lhe prendia rosas na lapela.

— É assim — murmurou Oliver, meio a suspirar, meio a fungar: — É assim....

Então, accionou uma mola na parede e o painel abriu-se lentamente; por trás ficavam cofres-fortes, cinco, não, seis ao todo, todos de aço polido. Rodou uma das chaves; abriu um dos cofres; depois outro. Cada um estava forrado por um fundo de veludo vermelho-escuro; ambos continham jóias – pulseiras, colares, anéis, tiaras, coroas ducais; pedras soltas brilhavam dentro das conchas de vidro; rubis, esmeraldas, pérolas, diamantes. Tudo em perfeita segurança, com um brilho frio e, contudo, em simultâneo, ardendo eternamente com a sua própria luz condensada.

— Lágrimas! — exclamou Oliver, contemplando as pérolas.

— Sangue do coração — murmurou ele, olhando os rubis.

— Pólvora! — acrescentou, sacudindo os diamantes, para que resplandessem.

— Pólvora suficiente para mandar Mayfair pelos ares – até ao céu, céu, céu! — Atirou a cabeça para trás e fez soar uma espécie de relincho ao dizer isso.

O telefone tocou insistentemente sobre a mesa do seu gabinete com um timbre baixo e abafado. Oliver fechou o cofre.

— Daqui a dez minutos — disse. — Antes, não. — E sentou-se à sua mesa e contemplou os rostos dos imperadores romanos gravados nos seus botões de punho. Ali estava novamente desarmado e, uma vez mais, voltara a ser o rapazinho que



jogava ao berlinde ao ar livre na ruela onde, aos domingos, se vendiam cães roubados. Voltou a ser aquele rapazinho matreiro, astuto, com lábios vermelhos, cor de cereja. Enfiava os dedos em cordões de tripas; molhava-os nas caçarolas de peixe frito; enfiava-se no meio da multidão. Era magro, ágil, e os olhos pareciam pedras polidas. E agora – agora – o tiquetaque dos ponteiros do relógio de parede fazia ouvir um, dois, três, quatro... A duquesa de Lambourne esperava que ele se dispusesse a recebê-la; a duquesa de Lambourne, descendente de centenas de condes. Esperaria dez minutos numa cadeira junto ao balcão do mostruário. Esperaria a seu bel-prazer. Esperaria até que ele se dispusesse a recebê-la. Consultou o relógio de bolso, tirando-o do estojo de pele. O ponteiro continuava a avançar. A cada tiquetaque, o relógio colocava-lhe à frente – assim lhe parecia – patê de *foie gras*; uma taça de champanhe; um cálice de fino conhaque; um charuto de um guinéu. O relógio de algibeira servia tudo isso à sua mesa, enquanto os dez minutos se escoavam. Depois ouviu passos abafados que se aproximavam; um farfalhar no corredor. A porta abriu-se. O Sr. Hammond comprimia-se contra a parede.

— Sua Graça! — anunciou ele.

E ficou na mesma posição, comprimido contra a parede.

Levantando-se, Oliver podia ouvir o frufu do vestido da duquesa, que atravessava o corredor. E então, desenhou-se, em seguida, na moldura da porta, enchendo a sala com o seu perfume, o prestígio, a arrogância, a pompa, o orgulho de todos os duques e de todas as duquesas juntos numa só onda. E, como uma onda que se desfaz, assim também ela se desfez por fim ao sentar-se, espaiando-se, salpicando, inundando o grande joalheiro Oliver Bacon. Cobriu-o com o fogo das suas cores resplandecentes: verde, rosa, violeta; e de perfumes; e iridescências; e de raios que irradiavam dos seus dedos, das suas plumas oscilantes, e da seda do seu vestido; pois, de idade madura, a duquesa era enorme, muito gorda, apertada em tafetá cor-de-rosa. Como um guarda-sol de muitos panos se fecha, como um pavão de mil penas fecha o seu leque,



VIRGINIA WOOLF

recolhendo-as, também ela se deixou cair, afundando-se na poltrona de couro.

— Bom dia, Sr. Bacon — disse a duquesa. E estendeu-lhe a mão que espreitava pela abertura da luva branca. E Oliver, ao apertá-la, inclinou-se. E enquanto as mãos se tocavam, voltou a forjar-se entre eles o elo que os unia. Eram amigos e, ao mesmo tempo, inimigos; ele era um senhor, ela, uma senhora; enganavam-se um ao outro, precisavam um do outro, temiam-se reciprocamente, e ambos o sentiam e sabiam todas as vezes que apertavam as mãos assim, naquela saleta escura, com a luz branca lá fora, a árvore com as seis folhas, o ruído distante da rua e, por trás deles, os cofres-fortes.

— E hoje, duquesa, em que lhe posso ser útil? — inquiriu Oliver afavelmente.

A duquesa abriu-lhe o coração, a intimidade do seu coração; abriu-lho de par em par. Com um suspiro, sem uma palavra, tirou da bolsa um pequeno saco de camurça — que parecia um furão amarelo, estreito e alongado. De uma abertura na barriga do furão, deixou cair pérolas — dez pérolas, que rolaram da fenda aberta no ventre do furão — uma, duas, três, quatro — como ovos de algum pássaro divino.

— É tudo o que me resta, caro Sr. Bacon — disse ela num tom de queixume. Cinco, seis, sete — as pérolas rolavam, rolavam pelas encostas dos vastos flancos montanhosos que desciam, formando um vale estreito entre os seus joelhos — a oitava, a nona e a décima. As pérolas agora acamavam-se no brilho do tafetá flor-de-pêssego. Dez pérolas.

— Do cinturão de Appleby — disse, queixosa. — São as últimas... as últimas de todas.

Oliver estendeu o braço e segurou uma das pérolas entre o polegar e o indicador. Era redonda, brilhava. Porém, seria verdadeira ou falsa? Estaria a duquesa a mentir uma vez mais? Atrever-se-ia?

A duquesa levou o dedo rechonchudo aos lábios. — Se o duque soubesse... — sussurrou. — Foi um pouco de má sorte, caro Sr. Bacon...

